

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ARTHUR VIANA AGUIAR

**LUTE COMO UM(A) PROFESSOR(A): HISTÓRIAS DE MILITÂNCIA POLÍTICA
DOS DOCENTES AMAZONENSES DE PARINTINS (1980-1990)**

PARINTINS-AM

2019

ARTHUR VIANA AGUIAR

**LUTE COMO UM(A) PROFESSOR(A): HISTÓRIAS DE MILITÂNCIA POLÍTICA
DOS DOCENTES AMAZONENSES DE PARINTINS (1980-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) para a obtenção do título em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Xavier de Medeiros

**PARINTINS-AM
2019.**



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS CESP/UEA

Ata de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado do Amazonas

Aos treze dias do mês de dezembro de 2019, no Laboratório de História, no Centro de Estudos Superiores de Parintins, localizado na Estrada Odovaldo Novo s/n, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **LUTE COMO UM(A) PROFESSOR(A): HISTÓRIAS DE MILITÂNCIA POLÍTICA DOS DOCENTES AMAZONENSES DE PARINTINS (1980-1990)** do (a) acadêmico (a) Arthur Viana Aguiar. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof^ª Dr^ª Mônica Xavier de Medeiros/UEA (presidente/orientadora), Prof^ª Dr^ª Gleidys Meyre da Silva Maia/UEA e a Prof^ª Msc. Patrícia Regina de Lima Silva/SEDUC/IFAM. O (a) presidente (a) da banca examinadora deu início à sessão e informou sobre o procedimento do exame. A palavra foi facultada ao acadêmico para apresentar uma síntese de sua pesquisa e responder às perguntas formuladas pelos membros da Banca Examinadora. Após apresentação e arguição pelos membros da Banca Examinadora, esta se reuniu e deliberou que o TCC em questão foi APROVADO. A sessão foi encerrada. Eu, Mônica Xavier de Medeiros (orientador/presidente (a) da Banca) lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos membros da Banca Examinadora e pelo (a) acadêmico (a).

Parintins, 13 de dezembro de 2019

Banca Examinadora	Notas
 Mônica Xavier de Medeiros (Presidente)	9,0
 Gleidys Meyre da Silva Maia (Membro)	8,5
 Patrícia Regina de Lima Silva (Membro)	8,5

Média Final: 8,7

Arthur Viana Aguiar / Acadêmico (a)

*Senhores, patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum!
Para não ter protestos vãos
Para sair desse antro estreito
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito!*
Pierre De Geyter – A Internacional

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender o processo de formação do movimento social docente, a partir da militância política dos professores do ensino público em Parintins, município brasileiro do interior do Estado do Amazonas, entre os anos de 1980-1990. O recorte cronológico estabelecido marca um momento significativo para os movimentos sociais de esquerda, em especial, porque é identificado como o final da ditadura civil-militar que foi implantada no Brasil em 1964 e, conseqüentemente, com o início do processo de abertura política e de democratização do país. O trabalho problematiza a memória dos professores de Parintins que se envolviam na militância de partidos, sindicatos, greves e relacionavam suas experiências com a sala de aula, evidenciando os efeitos práticos político/pedagógico da atividade docente. Utilizamos a metodologia da História Oral a partir das reflexões de Alessandro Portelli, que permitiu compreender modos de vida, lutas e as estratégias de resistência dos sujeitos sociais da pesquisa frente a conjuntura política da época. Os autores que nos ajudaram na discussão são importantes referências teóricas para se entender o tema: Eder Sader e Boris Fausto ajudaram a compreender a conjuntura histórica; Edward Thompson e Florestan Fernandes contribuíram para pensar a categoria “luta de classes”; James Batista, Amarílio Ferreira e Marisa Bittar também foram importantes, pois seus trabalhos problematizam o movimento docente no período estudado. Por fim, a pesquisa aponta para os dilemas e tensões que os professores viveram nas décadas de 80 e 90 como o arrocho salarial e a precarização do trabalho docente, reafirmando a necessidade dos movimentos de luta e resistência destes trabalhadores.

Palavras-chave: Trabalhadores. Militância Política. Movimentos Sociais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 “NA HORA DO EMBATE, NA HORA QUE TEM UM MOVIMENTO SOCIAL, NA HORA QUE VOCÊ SAI DA ESCOLA E VAI PRA RUA, VOCÊ COMEÇA A DEFENDER IDEIAS	12
2 “QUANDO É PROFESSOR...QUANDO É TRABALHADOR, É OUTRO TIPO DE VISÃO, NÓS PERCEBEMOS QUE A PRÁTICA DO PROFESSOR, ENQUANTO AGENTE POLÍTICO, ELE DETERMINA MUITA COISA”	15
3 “[...] PORQUE O TRABALHO DOCENTE, ELE NÃO PODE SE RESTRINGIR DENTRO DA SALA DE AULA, MAS TEM UM MUNDO AÍ FORA ESPERANDO PELA SUA VOZ LIBERTÁRIA COMO EDUCADOR”	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem por objetivo analisar o movimento dos professores dentro do recorte temporal entre 1980 a 1990, destacando principalmente duas características nas suas atuações: a experiência militante nos partidos PT¹ (Partido dos Trabalhadores) e PC do B² (Partido Comunista do Brasil), sindicatos, greves, movimentos sociais, e se essa militância impactava de alguma forma a ação desses professores em sala de aula no ensino público de Parintins³.

O recorte envolve o aparecimento de Instituições representativas dos professores como a APPAM⁴ (Associação Profissional dos Professores do Amazonas), SINTEAM (Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Amazonas) e transita, percorrendo a luta por “redemocratização⁵” no Brasil até chegar ao seu processo de abertura política com o fim da ditadura civil-militar⁶, além de evidenciar as conquistas dos professores na Constituição Federal de 1988, que também ficou conhecida como “Constituição Cidadã” em função da participação dos movimentos sociais, inclusive, o movimento dos professores inseridos nesse contexto.

Uma das conquistas provenientes dos diversos movimentos sociais foi o direito à greve. O artigo 9º da constituição diz: “É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender⁷”. Outras conquistas importantes são: aumento salarial, plano de saúde, vale alimentação, concursos públicos, e mais formação profissional. Também, envolvendo diretamente os professores brasileiros que se organizaram no período da abertura política, foi a possibilidade de servidores públicos criarem sindicatos. Este avanço tornou possível, por exemplo, a criação do SINTEAM, em 1989. Considerado um dos mais importantes dos artigos destinados à educação na Constituição Federal de 1988, o Art. 205 expõe a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa,

¹ O Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado em 10 de fevereiro de 1980 no Brasil.

² O Partido Comunista do Brasil (PC do B) surgiu em 1962 a partir de uma cisão no Partido Comunista Brasileiro (PCB).

³ É um município brasileiro no interior do Estado do Amazonas. É a segunda cidade mais populosa do Estado, com 113.168 habitantes, conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018.

⁴ Fundado em 1979 no Amazonas.

⁵ Concordo com Florestan Fernandes em usar aspas, pois entendo que a democracia real (proletária) não ocorreu diante de um regime político já dominado pelo alto, sendo o processo de redemocratização um “consenso nacional” articulado pela classe dominante que estava no poder.

⁶ Conforme Daniel Araújo Reis, preferimos optar pelo termo Ditadura Civil Militar para denominar o governo dos militares entre os anos de 1964 a 1985, pois durante o regime, ocorreu a participação de parte da sociedade civil na consolidação da Ditadura.

⁷ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, Art. 9º.

seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho⁸”. Portanto, a responsabilidade de ensinar (referente ao currículo escolar) é do Estado.

A investigação histórica foi motivada pela importância em continuar produzindo pesquisas com temas relacionados aos trabalhadores, até mesmo, porque na última década houve um refluxo desses estudos no cenário nacional. Pretendemos atualmente contribuir com essa abordagem, descrevendo a representatividade dos trabalhadores intelectuais e sua militância sendo professores do ensino público sob o contexto da abertura política, depois do fim da ditadura civil-militar, objeto deste artigo, sendo que ainda é um tema que está longe de ter sua problemática esgotada. Os movimentos de professores ganharam maior expressão no Brasil no momento da abertura política, estimulando mais ainda a categoria dos professores como um novo e importante ator político; com isso, passou a atrair a atenção de pesquisadores acadêmicos em diversas universidades e centros de pesquisa de todo o país (BATISTA, p. 23, 2018).

Havia, no período estudado, uma grande insatisfação da classe trabalhadora, evidenciada pelas eleições legislativas de novembro de 1974, em que o partido de oposição consentida (MDB)⁹ ganhou para o senado e em 79 cidades com mais de 100 mil habitantes. Esse fato direcionou o presidente da época, General Geisel a dar início à “abertura política”, e na liberalização do regime, para evitar, possivelmente, que a oposição chegasse ao poder mais cedo (FAUSTO, p. 417 e 418, 2015). Os militares e civis da classe dominante decidiram conduzir o Estado pelo processo de transição “lenta, gradual e segura” antes de entrega-lo de volta para a posse da sociedade civil, ou seja, o que deveria ser uma “Nova República”, saiu, na verdade, do ventre de uma ditadura interventora dos anos 60 (FERNANDES, p. 11, 1986).

Propomos um estudo direcionado ao movimento dos professores residentes em Parintins durante as décadas de 1980 e 1990, e filiados aos partidos de esquerda PT e PCdoB. Durante esse período estava ocorrendo um fervor dos movimentos sociais e um reforço aos interesses dos trabalhadores. Também foi um cenário de várias greves no país, erguidas na luta por melhores condições de trabalho e salários. Enquanto esse fenômeno acontecia e essas classes subalternizadas não possuíam representação, elas mesmas buscaram meios para reivindicar seus direitos, fazendo surgir novos personagens, sendo os professores protagonistas que estavam entrando em cena (SADER, 1988). Quando não havia possibilidade de negociação

⁸ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

⁹ O Brasil teve um período bipartidário durante 12 anos, entre 1966 e 1979, implantados por meio do Ato Institucional nº 2, quando havia apenas a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) que representava o partido dos Militares no governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) que assumia o papel de partido de oposição. As eleições sob o bipartidarismo foram rigorosamente controladas, para dificultar a vitória da oposição e garantir a maioria absoluta da ARENA no Senado e na Câmara dos Deputados.

salarial por parte do governo estadual ou municipal vigentes na época, nesse contexto, a greve foi o principal instrumento de luta dos professores de Parintins, que não tiveram outra maneira senão a mobilização para a luta da classe assalariada.

Mesmo em tempos de abertura política ainda havia preocupações que assolavam o professor, pois pertencendo à margem social, julgados por suas ações, a qualquer momento, poderiam entrar novamente nas fileiras do exército industrial de reserva¹⁰, mas, mesmo assim, tais sujeitos históricos entenderam suas condições sociais, e com isso, manifestaram consciência de classe questionando seus papéis na sociedade.

[...] A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classes. Podemos ver uma *lógica* nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma lei. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma. (THOMPSON, 1987, p. 10)

Necessário apresentar aqui alguns questionamentos significativos que levaram na direção da pesquisa sobre o tema. Levamos em consideração o desafio de estudar o cenário político brasileiro da época, pois esse período de transição da ditadura civil-militar implantada em 1964 para o governo civil da “Nova República” foi marcante para a história dos movimentos sociais, uma vez que foi um fenômeno que ascendeu, atingindo muitas cidades brasileiras, inclusive, Parintins.

Analisando a conjuntura atual do Brasil, historiadores que vivemos e escrevemos no tempo presente, estamos vivenciando muitas reformas perigosas na Educação, projetos de leis ultraconservadores¹¹ e cortes nas bolsas de estudos, ou seja, restringe-se ou elimina-se políticas públicas essenciais para grupos socialmente vulneráveis (pobres, mulheres, crianças, etc)¹². Todas essas perdas drásticas de direitos sociais, conquistas que não foram doadas, mas

¹⁰ Categoria desenvolvida por Karl Marx em sua crítica da economia política, onde identifica que o sistema capitalista necessita de que haja constantemente um exército de desempregados, para que os empregadores usem os trabalhadores sem emprego para pressionar a diminuição dos salários de quem está empregado.

¹¹ Como o Movimento Escola Sem Partido – dizendo que o professor não é um educador. Para esse movimento, educar seria responsabilidade da família e das Igrejas; os professores dentro da sala de aula estariam limitados a instruir, a “transmitir conhecimento”. O movimento se diz contra a “doutrinação”, mas o próprio projeto de lei não define o que eles chamam de doutrinação ideológica. Segundo eles, o professor só pode falar da matéria que leciona, de forma isolada, sem tratar da realidade do aluno e do que está acontecendo no mundo, sem discutir o que acontece no noticiário ou na comunidade em torno da escola.

¹² Identifico-me pertencendo a tais projetos, por ter conseguido frequentar uma Universidade Pública e ter usufruído de todos seus benefícios possíveis durante minha graduação. (PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Auxílio Moradia, Auxílio Financeiro, Programa de Monitoria, Programa de Tutoria para Surdos).

foram adquiridas com muito sangue e lágrimas pelo legado da classe trabalhadora da geração dos nossos pais e de nossos avós.

Desde o início da minha escolarização aspirava em ser professor, também um dos fatores instigantes para o estudo sobre o movimento dos professores, e fazendo um “link” com a conjuntura histórica do meu recorte com a conjuntura atual, percebo muitas semelhanças. Tal categoria foi oposição à ditadura, e lutaram para exigir seus direitos, tais como salários dignos, reforma agrária, liberdade de organização sindical, direito ao voto e inclusive, transformações sociais radicais que pudessem abrir as portas para o socialismo brasileiro.

No ano de 1985, os professores do ensino público enfrentavam uma série de problemas, tanto financeiro (diminuição do poder de compra), quanto suas condições de trabalho precárias, tendo também que suportar “[...] arbítrios e truculências por partes dos diretores das escolas, então indicados diretamente pelo Secretário de Educação e, desta forma, por ele controlados” (BATISTA, 2019). Portanto, vigorou como pauta de luta a defesa de eleições diretas para a escolha dos diretores. Ocorreu também desde o início do período militar um aumento significativo do número de matrículas na Educação Básica, apesar de poucos recursos e pouca formação de professores para atender essa demanda criada pelo próprio Estado.

Nesse cenário, percebemos que esse processo histórico foi marcado pelo agravamento das condições de trabalho na Educação e o aprofundamento da desvalorização do profissional professor. Esses, que antes da ditadura, colhiam os frutos de pertencer a uma “classe média burguesa” com as crises de “1968 e de 1971, cujos efeitos engendraram uma nova categoria docente e, por conseguinte, no exercício da profissão em parâmetros distintos dos anteriores” (FERREIRA JR., BITTAR, p. 1166, 2006). Com uma “classe média” crescendo no país, os professores da rede pública saindo desse quadro geral, fazia com que tal categoria profissional fosse submetida pelo processo de proletarização no âmbito das relações capitalistas de produção, incorporando a “tradição clássica da classe operária fabril, isto é, de se organizarem em sindicatos para defenderem os seus interesses econômicos imediatos” (FERREIRA, p. 3, 2009).

Os professores formados nos cursos de Licenciaturas Curtas substituíram a pequena elite intelectualizada das poucas escolas públicas que havia no Brasil. Esse processo de proletarização do professor dadas às condições de vida e de trabalho que o corpo docente se submetia para resistir às crises do “milagre econômico” causaram grande arrocho salarial e aumento da inflação, inflando até estourar o indubitável fenômeno social das greves (FERREIRA JR., BITTAR, 2006).

O método científico, que serve de sustentação para a nossa análise, dialoga diretamente com as memórias dos professores de Parintins através da História Oral entendida como metodologia. As fontes utilizadas, neste caso, são narrativas orais produzidas a partir de entrevistas singulares por serem fontes construídas pelo historiador e, também, pelo sujeito histórico, já que fazem emergir a memória dos eventos investigados pelo historiador. E para se chegar até os nossos entrevistados não foi muito difícil, pois cada um deles são personagens ilustres bastante reconhecidos pela maioria dos envolvidos nos movimentos sociais que participaram e também pela comunidade parintinense, simplificando nossa busca.

Estas fontes nos possibilitaram amplificar a voz dos professores, pertencentes aos grupos sociais não hegemônicos.

Dizia Gianni Bosio, historiador italiano: “A intenção do trabalho cultural é de armar a classe de suas próprias armas, de fazer de modo que os excluídos, os explorados, os marginalizados se deem conta da importância de suas vidas, de seu saber, de suas palavras”. E se deem conta de que é um saber social, é um saber coletivo. E que nós, os intelectuais, que trabalhamos nessa arena, devolvamos seu saber de uma maneira mais crítica, mais analítica, do que como o recebemos. Trata-se não só de recolher as suas histórias, de recolher as suas palavras. Isso é só o primeiro nível. Então vem o trabalho de analisá-las, de conectá-las, de levá-las a um nível de análise superior, e depois de trazê-las de volta às fontes (PORTELLI, 2009, p.10).

Como menciona Alessandro Portelli, as fontes históricas orais são fontes narrativas e por isso existe uma relação que se coloca entre passado e presente, porque o conteúdo da memória se encontra no passado, mas a atividade de recordar, selecionar o que for contar dessa história é uma ação do tempo presente.

Quando trabalhamos com História Oral, estamos sujeitos a analisar todo o processo da produção da fonte desde a entrevista até o nascimento da transcrição (que deixa de ser audível, tornando-se visual). No caso dos professores do ensino público de Parintins, foi preciso enfrentar a situação de carência de registros físicos documentados, cenário causado tanto pela falta de recurso de encontrar arquivos pessoais ou públicos, e acervos de História Oral, já que essa metodologia possui capacidade de criar novos bancos de dados para contribuição científica.

O professor Camilo Ramos foi o primeiro entrevistado, em 20 de dezembro de 2018, nas dependências da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, onde atualmente é professor. A segunda entrevistada foi a professora Fátima Guedes, aposentada e militante do Partido dos Trabalhadores e participante ativa da Associação das Mulheres, nos concedeu entrevista no dia 08 de abril de 2019, na sede do jornal Plantão Popular. O terceiro

entrevistado foi o Professor Fernando Silva, de 55 anos, um dos professores que militava pelo Partido Comunista do Brasil. Foi entrevistado no dia 21 de julho, na escola em que trabalha.

O título desse trabalho científico, **“Lute como um(a) Professor(a): histórias de militância política dos docentes amazonenses de Parintins (1980-1990)”** deseja expressar a importância das fontes orais produzidas com a participação dos próprios sujeitos históricos da pesquisa. E também, referenciar o lema da greve que aconteceu esse ano (2019) durante o mês de abril, e do ano passado (2018) em Parintins: **“Lute como um(a) Professor(a)”**, reconhecendo a importância dessa categoria profissional, enquanto classe trabalhadora, e o significado que isso representa, pois ainda hoje tais protagonistas continuam lutando por melhores salários e qualidade nas condições de trabalho.

Para a compreensão e análise da história e memória do objeto da pesquisa, o artigo foi estruturado em três tópicos. No primeiro tópico, **“Na hora do embate, na hora que tem um movimento social, na hora que você sai da escola e vai pra rua, você começa a defender ideias”**, analisamos como os sujeitos históricos se viam diante de suas memórias e quais eram as perspectivas que lhe serviram de base para a trajetória de suas vidas, trabalhando e militando politicamente em Parintins.

No segundo tópico, **“Quando é professor... quando é trabalhador, é outro tipo de visão, nós percebemos que a prática do professor, enquanto agente político, ele determina muita coisa”**, discutimos a formação do movimento social docente, e analisamos os problemas enfrentados por eles durante esse processo.

No último tópico, **“[...] Porque o trabalho docente, ele não pode se restringir dentro da sala de aula, mas tem um mundo aí fora esperando pela sua voz libertária como educador”**, buscou-se examinar como as lutas protagonizadas por esses sujeitos históricos influenciaram na mobilização dos partidos políticos, sindicatos, greves e nos ambientes de trabalho em que pertenceram, compreendendo suas contribuições significativas dentro do movimento docente, e indicando a importante dimensão que a luta social adquiriu na vivência desses trabalhadores da educação.

1. “NA HORA DO EMBATE, NA HORA QUE TEM UM MOVIMENTO SOCIAL, NA HORA QUE VOCÊ SAI DA ESCOLA E VAI PRA RUA, VOCÊ COMEÇA A DEFENDER IDEIAS”.

O Partido dos Trabalhadores, fundado em 1980 em São Paulo, influenciou significativamente o movimento dos professores do Amazonas, especialmente em Parintins. Grande parte dos professores da rede pública de ensino participou da fundação do partido na

região, tendo como referência a liderança de Luís Inácio Lula da Silva nas greves do ABC paulista no final da década de 1970. Fátima Guedes¹³ que era professora de língua portuguesa da rede de ensino se recorda com detalhes dessa conjuntura política e de toda a comoção brasileira, servindo de exemplo para o engajamento das organizações dos professores. Fátima Guedes nos contou como se lembrava do início do PT em Parintins:

[...] o comício era montado em cima de um palanque móvel, aí esse palanque móvel a gente levava dentro de uma carrocinha pra alguma esquina, montava o palanque móvel lá e lá o pau cantava né? (Risos) Era assim que funcionava na época a nossa luta, a militância do PT em Parintins, foi assim que se construiu o PT em Parintins¹⁴.

(...)

Arthur - A universidade pública era a coisa mais difícil na época né? É... Você se lembra como Brasil estava nessa época, na década de oitenta e noventa?

Fátima Guedes - Olha nessa época estava... É que o... Nós estávamos saindo da ditadura militar né? Que a ditadura começou em sessenta e quatro, nos finais de lá pra oitenta ou...

Arthur - Oitenta e cinco...

Professora Fátima Guedes - É por aí assim, aí o... Foi aí que o João Figueiredo, ele vem pra amenizar as coisas, o Brasil tava entregue ao FMI, endividado até o pescoço, então ele tinha que... Os militares tinham que... Que a direita tinha que fazer uma jogada e... De convencimento através das mídias né? Pra dizer que o Brasil... Que naquele momento iam abrir as portas para a democracia, aí vem esse processo aí de luta pela democracia né? E, depois disso se implanta a democracia, depois de toda a crueldade que houve no regime militar que a gente provavelmente vai experimentar agora né? Nesse governo que tá aí, é... Aí a gente começa a experimentar momentos de democracia... Foi aí que houve a ascensão do PT, foi nesse processo aí... O Lula era lá do ABC paulista, do sindicato dos metalúrgicos, aí começa a ascensão da esquerda, a esquerda se fortalece né? Em torno do Partido dos Trabalhadores e foi o grande avanço da classe trabalhadora, foi esse período, mas antes disso, nós tivemos ainda o Collor de Melo, porque o Collor é... Foi quem trouxe, implantou o neoliberalismo no Brasil, então foi ele que abriu as portas pra que o grande capital injetasse e o Estado se transformasse num cão de guarda da economia... Da economia não, da financeirização mundial, da globalização capitalista. Então o Collor foi quem injetou o neoliberalismo que a gente hoje não tem... Não sabe como acabar, porque a população não tem consciência de classe, não vai à luta pra lutar... Pra derrubar esse sistema.

Podemos notar que tanto o passado quanto o presente estão em evidência nessa memória, levando em conta suas experiências, a professora lembra como era a sua militância

¹³ ARAÚJO, Fátima Guedes. Casada. Formada em Licenciatura Curta em Letras pela UERJ, através do Projeto Rondon, com especialização em Estudos Latinos Americanos na Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Escola Nacional Florestan Fernandes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Entrevista gravada em 08 de abril de 2019. Gravação feita no jornal Plantão Popular do qual é proprietária. 19 páginas de transcrição. Realizada por Arthur Aguiar.

¹⁴ ARAÚJO, Fátima Guedes. Entrevista gravada em 08 de abril de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.1.

na década de 80, comenta a falta de estrutura (carrocinha), e a repressão que sofriam (“pau cantava”). Há consciência de que a influência/impacto do movimento dos metalúrgicos do ABC motivou bastante os trabalhadores em todo Brasil. Segundo (PORTELLI, 1997), a memória é uma “gangorra do tempo” que ao mesmo tempo em que se lembra do passado, está no presente, nesse sentido a professora correlaciona a ditadura civil-militar com os tempos atuais do governo Bolsonaro¹⁵, descrevendo o receio de que o Brasil viva uma nova fase autoritária.

O fortalecimento dos movimentos sociais e dos sindicatos, nunca se esquecendo da atuação dos partidos de esquerda, foram meios importantes para o cenário político da década de 80. Durante as entrevistas, percebemos que todos os professores entrevistados se lembravam com riqueza de detalhes os assuntos que se tratavam sobre os sindicatos, e também sobre as greves em que participaram, pois foi profundamente marcante em suas vidas, contendo em suas narrativas problemas referentes a atrasos salariais, situações de professores contratados em regime especial, e como se deu a organização do movimento docente, pois foram alguns dos fatores que levaram os educadores de Parintins à mobilização política.

[...] Eram momentos em que a gente se identificava realmente classe trabalhadora, em que cada um olhava pro outro e dizia assim “Eu sou você, e você sou eu, nós somos parte de tudo isso”. Então as greves foram assim momentos de muito aprendizado, foram momentos de politização, foram, aliás os únicos momentos em que podemos dizer que o sindicato trouxe politização eram nos momentos das greves, ali se desenvolviam muitas... É, muitas metodologias interessantes, sabe?¹⁶

Segundo Thompson (1987), a construção da classe acontece através da experiência. As relações sociais fazem parte desse processo de formação da classe e não apenas o local do indivíduo na estrutura social. A diferença de interesses colabora na formação desse cenário, e dentro desse modelo, ganha relevância a distinção entre experiência de classe e consciência de classe. A experiência de classe é determinada pelas relações de produção em que os homens estão envolvidos. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais. E esses momentos de luta política em Parintins, de certa forma, davam ares de desenvolvimento em relação ao processo histórico da formação da classe dos trabalhadores, e foi encarado pelos professores como um momento de oportunidades, e crescimento intelectual entre os envolvidos.

¹⁵ Jair Messias Bolsonaro é um ex-capitão reformado do exército, político e atual presidente do Brasil. Foi deputado federal por sete mandatos entre 1991 e 2018, sendo eleito através de diferentes partidos ao longo de sua carreira. Elegeu-se à presidência pelo Partido Social Liberal, ao qual foi filiado até novembro de 2019.

¹⁶ ARAÚJO, Fátima Guedes. Entrevista gravada em 08 de abril de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.3.

2. “QUANDO É PROFESSOR... QUANDO É TRABALHADOR, É OUTRO TIPO DE VISÃO, NÓS PERCEBEMOS QUE A PRÁTICA DO PROFESSOR, ENQUANTO AGENTE POLÍTICO, ELE DETERMINA MUITA COISA”.

Fernando Silva¹⁷, professor da rede pública de Parintins, teve sua escolarização guiada desde cedo pela sua irmã, professora do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), projeto implantado durante o regime militar. De acordo com ele, sua irmã lhe deixava, estrategicamente, responsável pela biblioteca da escola em que trabalhava, dessa forma, facilitava desde cedo o contato com os livros necessários para a sua educação. Sua carreira como docente lhe conduziu por muitos anos no município, dando aulas tanto no interior quanto na cidade. Fernando possui grande propriedade nas análises dos movimentos políticos que participou, inclusive no Partido Comunista do Brasil:

Numa cidade como Parintins que é extremamente religiosa, em que, por exemplo, uma pessoa é extremamente religiosa, ela entra em choque quando vê que o pessoal do PCdoB tava lá, às vezes tinha conflitos isso né? Não era... Muito tempo, mas de vez em quando, esporadicamente acontecia isso, porque eles atribuem que os comunistas eram ateus, essas coisas né?¹⁸

Fernando contribuiu consideravelmente para o crescimento do PCdoB em Parintins, pois participava das suas reuniões, assembleias e como fiscal nas eleições. Sua aproximação com os movimentos sociais, lhe rendeu estereótipos, críticas e piadas com tons agressivos.

Porque quando em oitenta e cinco, quando da eleição do Tancredo Neves, que colocavam os cartazes do Tancredo Neves nas ruas, o pessoal “Olha os militares, olha os militares, olha o que vocês estão fazendo” é porque aqui, durante a década de sessenta, quando a repressão veio, ela veio forte, levou trabalhadores né? O bispo da época que segurou a barra “Não, eles não são comunistas, estão ali”. Porque tem um parintinense que a ditadura matou né? Que é o Tomazinho Meireles¹⁹ [...] ²⁰.

¹⁷ SILVA, Fernando Souza da. Formado em Licenciatura em Letras. Entrevista gravada em 21 de junho de 2019. Gravação feita na Escola Estadual João Bosco. 15 páginas de transcrição. Realizada por Arthur Aguiar.

¹⁸ SILVA, Fernando Souza da. Entrevista gravada em 21 de junho de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.2.

¹⁹ Estudante parintinense chamado Thomaz Antônio da Silva Meirelles Neto, em Manaus se graduou em jornalismo, viajou para o Rio de Janeiro para trabalhar como jornalista, no mesmo período em que estava acontecendo às greves estudantis, atuou na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e, posteriormente, na União Nacional dos Estudantes (UNE), ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, conseqüentemente, na Ação Libertadora Nacional (ALN). Depois de obter bolsa de estudos na União Soviética, país com o qual o Brasil mantinha relações diplomáticas, entre 1962 e 1969 cursou Filosofia na Universidade de Moscou Lomonosov. Em 13 de novembro de 1969, retornou ao Brasil. Mas no dia 7 de maio de 1974 desapareceu, pois foi vítima de sequestro, cárcere privado, tortura, assassinato, ocultação de cadáver e outras formas ilegais de repressão durante o regime militar.

²⁰ SILVA, Fernando Souza da. Entrevista gravada em 21 de junho de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.1.

A agitação da década de 80 envolvia, significativamente, a consciência dos diferentes âmbitos da sociedade parintinense, e a morte de Tomazinho Meireles, uma mola propulsora de diferentes visões da luta política parintinense, podendo causar medo da morte como consequência da ação engajada ou fazendo compreender melhor os riscos por lutar por uma sociedade melhor.

O município de Parintins possui um teor religioso muito forte, onde prevalece a fé católica, mas havendo também outras manifestações religiosas como as Igrejas evangélicas, a umbanda, a comunidade daimista, o espiritismo kardecista e muitas outras. Entre essas Instituições, existem aquelas com atitudes reacionárias que desferem ataques conservadores às mobilizações populares, e que dependendo dos envolvidos, surtem efeitos negativos, principalmente para os militantes dos partidos de esquerda, como é o caso do PCdoB, que por muito tempo passou na clandestinidade durante o regime da ditadura civil-militar, mas também havia ao mesmo tempo, um bispo²¹ que “segurava a barra” dos comunistas.

Questão bem contraditória. Por um lado, parte da Igreja Católica apoiou os militares durante o golpe de 1964, inclusive, com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade²², especialmente a cúpula da Igreja. Por outro, com o fechamento do regime, se destaca a postura de alguns setores dessa Instituição religiosa na resistência ao governo autoritário, pois, passaram a apoiar os movimentos sociais, causando conseqüentemente, muitas perseguições e mortes entre os envolvidos, é o caso da JEC (Juventude Estudantil Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), Ação Católica, Ação Popular (que atuavam sem prestar contas aos bispos nem comprometer a Instituição Eclesiástica) e os frades dominicanos aliados à ALN (Ação Libertadora Nacional) comandada por Carlos Marighella²³, em novembro de 1969, e que se destacaram na luta por justiça no movimento estudantil.

A Igreja Católica em Parintins, na década de 80, possuía diferentes concepções em seu interior, pois havia os representantes da ala conservadora, e também havia alguns representantes que defendiam a organização das Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia

²¹ Dom Gino Malvestio, em 1989, tornou-se pároco de São José Operário da Diocese de Parintins. O segundo bispo, Dom João Rizatti, nomeou padre Gino como Vigário Geral da Diocese de Parintins em 1990. Com a transferência de Bispo Rizatti para o Amapá, Padre Gino foi nomeado como bispo diocesano pelo Papa João Paulo II em 9 de março de 1994, tornando-se o terceiro bispo da Diocese de Parintins, no Amazonas.

²² Composta em sua maioria por senhoras católicas, que percorreram as ruas de São Paulo dias antes do golpe, em 19 de março de 1964, e ofereceu um argumento a favor dos militares e dos grupos políticos e econômicos conservadores para a deposição do governo de João Goulart, acusando tal governo de ser comunista, e tornar o Brasil “uma nova Cuba”.

²³ Carlos Marighella foi um professor, escritor e guerrilheiro comunista marxista-leninista brasileiro. Um dos principais organizadores da luta armada contra a ditadura, sendo considerado o inimigo “número um” do regime. Foi um dos fundadores da Aliança Libertadora Nacional, de caráter revolucionário.

da Libertação²⁴, porque esses movimentos proporcionavam uma melhor relação entre a Igreja com os leigos durante as reivindicações dos movimentos sociais. Essas mudanças dentro da Instituição fizeram com que os bispos, padres e leigos passassem a se organizar em campos distintos e conflitantes tanto no que diz respeito à religiosidade católica quanto em relação aos rumos do país (MEDEIROS, 2017).

O bispo citado pelo professor Fernando, era Dom Gino Malvestio, um representante da Igreja Católica que tinha como qualidade, permitir os movimentos mais à esquerda em Parintins, onde sempre intervia em favor das famílias pobres, nas lutas populares de ocupação de terra e na defesa dos direitos humanos. De acordo com Lucineli (2017), o Bispo Dom Gino seguia a Doutrina Social da Igreja (DSI) que se trata do conjunto dos ensinamentos que se encontram em diversos documentos produzidos pelo Magistério da Igreja Católica. Nestes documentos a Igreja se diz com a finalidade de fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e que todos os homens sejam direcionados a agir de acordo com os ensinamentos de Cristo.

A professora Fátima, lembra-se de suas aulas engajadas, do tempo em que trabalhava em uma turma do fundamental, e conta que percebia atitudes indiferentes da escola e de seus próprios colegas de trabalho por causa dos seus posicionamentos políticos:

A gente conflitou muitas vezes e a própria unidade educacional, muitas e muitas vezes eu fui chamada né? Porque eu trabalhava dentro dessa metodologia do Paulo Freire que era a problematização da realidade e muitas vezes eu fui chamada que era pra levar o meu ... como é? Meu planejamento, que eles queriam olhar meus cadernos de plano de aula, pra ver o que é que eu tava levando pra sala de aula, porque eles inventavam que era os pais, mas não eram os pais não, eram os próprios colegas professores, que eu estava ensinando as crianças, instigando as crianças à reforma agrária, aí eu disse “E qual é o crime?” “Não, é porque você não pode fazer isso” É porque eu trabalhava educação artística, os textos né?²⁵

Podemos perceber que mesmo pós-ditadura a sociedade se manteve autoritária. As memórias recentes das perseguições políticas assombravam várias camadas de assalariados, porque eram memórias que remontavam àquele governo em que os cidadãos não podiam se expressar politicamente, pois havia o medo de sofrer repressão nos inúmeros cárceres espalhados pelo Brasil. O que relembra Florestan Fernandes (1986), pois a dominação de classe e os ideais de segurança “nacional” são ideias de segurança de classe, que usam a

²⁴ A Teologia da Libertação é uma corrente teológica cristã nascida na América Latina, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, que parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres e especifica que a teologia, para concretar essa opção, deve usar também as ciências humanas e sociais.

²⁵ ARAÚJO, Fátima Guedes. Entrevista gravada em 08 de abril de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.2.

Nação e o Estado como fonte de defesa de um conservadorismo predatório infiltrado em vários setores da sociedade.

É o que diz também as memórias do professor Camilo²⁶, que apesar de sempre ter tido espaço para conversar abertamente nas escolas onde trabalhou, ainda permanecia o medo (comum entre muitos trabalhadores da educação) de que sua atuação política fosse causadora de uma possível demissão:

É ... não, certo? Até porque nós fomos sempre do diálogo, mas a gente sabe que muitas vezes a gente é perseguido, existem umas perseguições camufladas e a gente têm que tomar muito cuidado com quem a gente conversa, com quem a gente fala, é ... porque a famosa ... puxar tapete né?²⁷

São preocupações como essas que faziam parte do cotidiano dos professores, e afetavam também os movimentos de greve da cidade, pois muitos desses trabalhadores protegiam mais seus empregos individuais do que as condições de trabalho no coletivo, Fernando Silva se lembra bem das greves que não tiveram tanta adesão e explica:

As greves eram assim muito... Não eram greves totais, eram greves parciais né? Por causa disso, o nível de politização era baixo e também pelo medo da repressão, porque tu já “imaginou” um cara contratado? Como é que... Ele não vai se expor²⁸.

(...)

Isso, tudo... Ficava ali naquela situação e é isso que eu te falei ainda agora, o governo militar ainda tinha seus tentáculos e tinha a questão de repressão, é aquela coisa, de negócio comunista, que quem questionava era comunista, ainda ficava isso no imaginário das pessoas essas coisas entendeu? Então poucas pessoas ousaram, eu me lembro que na primeira greve que eu... A APPAM tem até uma brincadeira que teve a greve dos cinco, porque foi só cinco professores foram lá pra Praça do Cristo colocaram carro de som e disseram que estavam em greve, entendeu?

O ato da greve é entendido como um instrumento principal de luta do trabalhador assalariado, e que necessita de uma imensa coragem dos professores envolvidos, por conta das represálias que surgem dos mais variados segmentos sociais, desde a unidade escolar em que trabalham até a garantia de seus próprios empregos. E por causa dessas consequências muitos professores ainda receiam sofrer punições com a paralização do seu trabalho, pois havia números expressivos de professores contratados em detrimento do concurso público, do ponto

²⁶ SOUZA, José Camilo Ramos de. Casado. Licenciado em Geografia. Entrevista gravada em 20 de dezembro de 2018. Gravação feita no Laboratório de Geografia. 39 páginas de transcrição. Realizada por Arthur Aguiar.

²⁷ SOUZA, José Camilo Ramos de. Entrevista gravada em 20 de dezembro de 2018. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.8.

²⁸ SILVA, Fernando Souza da. Entrevista gravada em 21 de junho de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.3.

de vista estratégico para o governo, esse contraste servia como contenção dos movimentos dos professores, uma vez que é mais fácil demitir um contratado do que um concursado, prática usada até hoje. Diante desse contexto, a professora Fátima também se recorda que os professores engajados na luta política acabavam sendo marginalizados pela sociedade:

[...] isso, então, quer dizer, a memória que a gente tem, as lembranças foram essas e a gente foi pras ruas também participou de forma... timidamente, porque Parintins é um município que ele não participa ativamente das lutas sérias, é um grupinho só, aí esse grupinho é taxado de radical, é taxado de xiita, de um bando de coisas que não têm nada a ver com o real²⁹.

As desigualdades socioeconômicas no Brasil afetavam os cidadãos de Parintins, pois o norte do país não estava longe dos problemas sociais como a pobreza, a miséria e o desemprego. As influências da ascensão dos movimentos sociais da década de 80, envolvia os professores de Parintins nesse quadro, contudo, quando os movimentos começaram eles possuíam seu próprio ritmo e suas peculiaridades, bem diferente dos movimentos radicalizados como no ABC paulista, e nas grandes capitais como Manaus.

Em Parintins, nesse período, havia um movimento de trabalhadores urbanos significativo, sendo os professores, os representantes dessa vanguarda, mas, não constituíam números tão expressivos nessa militância política, pois de acordo com a fala da professora Fátima, os que não apareciam nos atos eram chamados de “fura-greve”. Refletindo as razões desses sujeitos, era cabível existir aqueles bastante cautelosos com os riscos de estarem militando contra seus empregadores. Professor Camilo também se recorda de outras situações, como é o caso do “professor pelego³⁰”, ele diz “É por isso que eu vejo quando tem a participação dos professores nos movimentos sociais, ele se mantém, agora quando tem professor pelego aí fodeu tudo entendeu?”³¹, pois de acordo com ele, tornava-se um empecilho durante o estado de greve, e para o movimento em si.

Durante as entrevistas, o que percebemos foram pontos buscados pela consequência das mobilizações dos professores. Já visto em momentos anteriores, como quando a escola reagia com esses educadores/militantes, mesmo eles estando lutando por seus direitos, melhoria salarial, avanços no ensino e na participação da gestão escolar.

²⁹ ARAÚJO, Fátima Guedes. Entrevista gravada em 08 de abril de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.8.

³⁰ O termo foi utilizado durante o sindicalismo constituído por Getúlio Vargas. Durante o regime militar, a palavra "pelego" significava o dirigente sindical indicado pelos militares. “Pelego” designa também a pele ou o pano que amaciava o contato entre o cavaleiro e a sela virou sinônimo de traidor dos trabalhadores e aliado do governo e dos patrões.

³¹ SOUZA, José Camilo Ramos de. Entrevista gravada em 20 de dezembro de 2018. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.6.

A escola sempre se retraiu né? Ela nunca participava, ficava na dela e dizia... ameaçando indiretamente né? Sabendo que era um direito nosso, nós estávamos reivindicando o justo, mas ficava aquilo assim “olha, a ordem do governo é pra mandar falta, é pra substituir” e não sei o que aqueles que eram contratados né? Sempre era assim sabe? Não havia apoio não.³²

Esse tipo de repressão ao movimento grevista assumida pela unidade escolar – com características mais comprometidas com os interesses dominantes e com o aparato governamental – demonstrou que o movimento docente vivenciou um conjunto de contradições, com ataques e dissidências. Mesmo fragilizado, o movimento ainda conseguiu manter a mobilização da categoria, mesmo com apenas um “grupinho” de acordo com a professora.

3. “[...] PORQUE O TRABALHO DOCENTE, ELE NÃO PODE SE RESTRINGIR DENTRO DA SALA DE AULA, MAS TEM UM MUNDO AÍ FORA ESPERANDO PELA SUA VOZ LIBERTÁRIA COMO EDUCADOR”.

O processo de abertura política que se construiu na década de 1980 trouxe a perspectiva de conquistas de direitos, tendo como foco o retorno dos partidos políticos³³, a legalização da atuação dos movimentos sociais, principalmente das organizações com tendências de esquerda e a elaboração de uma nova Constituição, contendo nela parte das reivindicações desses movimentos sociais, bem como as demandas básicas para promover a melhoria da vida do trabalhador brasileiro, com ênfase na garantia da sua liberdade de expressão, direitos civis e políticos e a dignidade humana.

Qual é o lugar fundamental para a atuação do professor? Seguir o propósito ditado pelo Estado, em que função lhe cabe apenas “repassar” o conhecimento ao aluno, ou de se perceber na esteira das crises econômicas, e entender que nesse processo histórico marcado por golpes à democracia e à educação brasileira, o professor não deve se restringir à sala de aula, mas sim de buscar sentidos e significados diversos para a sua vida. Acredito ser isso o que alimenta o movimento social docente, porque quando não eram greves diretamente ligadas às categorias dos professores, ainda assim, a experiência social em Parintins envolvia seus cidadãos, como relata o professor Camilo sobre um movimento contra as constantes faltas de luz que os professores apoiaram na cidade.

O povo de Parintins se reuniu e quebrou a CEAM, que era a CELETRON AMAZON, quebrou, ai a polícia foi lá e: “pow cara”. Isso inclusive no movimento

³² ARAÚJO, Fátima Guedes. Entrevista gravada em 08 de abril de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.4.

³³ Fim do bipartidarismo, retorno do sistema pluripartidarista para representar politicamente os diversos setores da sociedade, desde que observadas às exigências legais.

de professores porque faltava muita energia e ninguém conseguia dar aula, então a turma se reunia e foram pra quebrar, eu lembro bem da frente, que o Abelardo Qualhada estava no meio, e a polícia lá tentando proteger a CELETRON AMAZON que depois passou a ser CEAM, e agora a gente não sabe qual é o nome, né, se é Manaus Energia ou Amazonas Energia, né. Aí, é, nós falamos assim: “cara a gente tá tentando buscar melhoria pra ti, permanecer na frente, cara, a tua casa tá no escuro, tua família tá no escuro, saí da frente que a gente quebra esse negócio aí e o governo conserta no dia seguinte”. E não deu outra, no dia seguinte, a CELETRON AMAZON estava consertada, né, e que diziam também que era falta de diesel, né, dizer, sempre tava na rua, a praça... da liberdade, é praça da liberdade porque era palco de encontro revolucionário.³⁴

O movimento de professores não estava apenas reivindicando melhorias para a Educação ou para própria categoria, mas, de modo geral, para a cidade em que viviam, trabalhavam e pertenciam. O Professor Camilo Ramos, considerado militante ativo, percorreu durante sua juventude diversos movimentos sociais de Parintins. Filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores), participou das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), CPT (Comissão Pastoral da Terra), CDDH (Comissão de Defesa dos Direitos Humanos), Sindicatos e Greves. Com toda essa experiência, ele pôde transitar entre vários movimentos durante as décadas de 1980 a 1990. Entre suas recordações estão as propostas de aulas consideradas revolucionárias.

[...] nós conseguimos, é, filmes, é filmes do Cárcere, como as pessoas eram torturadas no cárcere no Brasil, então o pessoal conseguia extrair o filme de Brasília, né, que mandavam pra Manaus, e de Manaus o filme era colocado numa caixa de sapato coberto com livro, tipo aquele filme de Bang Bang, né, que o colega tirava a bíblia e tinha uma pistola dentro e atirava no peito do outro, e eu trazia, né, pegava no barco o, a caixa de sapato, né, e tirava os livros, eu abria na frente lá, tinha que abrir no barco, eu abria, mas era só livro, e deixava eu sair, em baixo estava o filme, e a noite nós íamos passar para o Colégio, para os alunos do Colégio do Carmo, aonde aparecia as tortura, né, do pau-de-arara, que era a onde o homem era amarrado a um pau, a salmoura, que riscava a costa do cara com terçado, e deixa, cortava a costa, e deixava sal pingando na costa e o cara gritando de dor, né, é, o fio elétrico, aonde tinha umas garras pequena que era amarrado ao mamilo da mulher e o fio descascado era introduzido na vagina e dava uma descarga elétrica, então isso aí a gente passava para os alunos, porque jovem educava jovem, esse era um procedimento, e eu estava envolvido nisso³⁵.

Como foi visto, se os jovens quisessem ter acesso aos conteúdos proibidos pela censura, era necessário possuir bastante criatividade para desenvolver estratégias como as recordadas pelo professor Camilo, porque mesmo naquele período de transição política, ainda havia permanecido em Parintins, práticas da censura. A expressão “jovem que educa jovem”, nos faz relembrar da força que teve o movimento estudantil em São Paulo e no Rio de Janeiro

³⁴ SOUZA, José Camilo Ramos de. Entrevista gravada em 20 de dezembro de 2018. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.1-2.

³⁵ SOUZA, José Camilo Ramos de. Entrevista gravada em 20 de dezembro de 2018. Realizada por Arthur Aguiar, dig.p.5

no combate ao regime ditatorial brasileiro, que foi tamanha, que possibilitou apesar da distância, que os ideais de militância chegassem a outros jovens de diferentes lugares do país.

Nesse contexto, ensinar para seus alunos a realidade que se encontrava o Brasil era imprescindível, porque houve por muito tempo a censura, após a promulgação do AI-5³⁶, toda e qualquer forma de comunicação deveria ter seu conteúdo previamente aprovado e sujeito à inspeção por agentes da administração. Ao falar de censura, devemos nos lembrar da influência do poder, ou seja, é preciso entender que, ao longo da história o poder (principalmente político) é o responsável por ditar a censura. Os casos de censura ocorrem em diferentes momentos da história e com diferentes grupos ideológicos no poder, geralmente típicos de grupos autoritários, pode-se dizer que a censura terminou com o nascimento da Constituição de 1988, mas o Brasil ainda experimenta um certo tipo de censura não oficial hoje, direcionada pelo monopólio dos meios de comunicação.

Sabendo disso, era de máxima importância conhecer os fatos não divulgados pela mídia hegemônica. Aulas como essa, eram consideradas subversivas perante o Estado, porque eram aulas que provocavam indignação, por isso muitos jovens se revoltaram contra os crimes da Ditadura, jovens e professores de várias cidades, como no caso de Parintins, que mesmo estando no interior do Estado, ao Norte do país, faziam parte também dessa conjuntura social.

Os trabalhadores e trabalhadoras trazem nas trajetórias de suas vidas uma militância sindical, de professores ligados a partidos de esquerda na época, e que se envolveram significativamente dentro do movimento docente em Parintins. Compreendendo como perspectiva, a relevância da memória, como um campo social de disputa, que faça desse trabalho uma ferramenta usada para o empoderamento das luta dos professores do Brasil, pois esses professores continuam batalhando todos os dias por um mundo melhor, “então é só uma contribuição pra você se quiser assimilar, porque o trabalho docente, ele não pode se restringir dentro da sala de aula, mas tem um mundo aí fora esperando pela sua voz libertária como educador”³⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esses oito períodos de minha graduação na Universidade do Estado do Amazonas, morando em Parintins, pude perceber as dificuldades que todo historiador enfrenta enquanto decide, de fato, aplicar na prática o que aprendeu sobre sua metodologia histórica.

³⁶ O AI-5, o mais duro de todos os Atos Institucionais, foi emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968.

³⁷ ARAÚJO, Fátima Guedes. Entrevista gravada em 08 de abril de 2019. Realizada por Arthur Aguiar, dig.,p.6.

Nossa turma de Licenciatura em História entrou na universidade em 2016, dentro de um governo que tinha como um slogan “Brasil: Pátria Educadora”, marcado por cortes na educação, e atravessamos um processo histórico, novamente, por golpes à democracia, e, obviamente, à educação. Assim como os professores de Parintins não ficaram quietos diante disso tudo, apesar dos perigos de assumir uma posição política, somos também sujeitos históricos e continuamos lutando e permanecendo na caminhada.

É oportuno, neste momento, estabelecer uma discussão sobre os resultados a que chegamos no decorrer da pesquisa que resultou na escrita desse trabalho de conclusão de curso. Reconhecemos que a luta dos docentes do Amazonas na década de 80 do século XX, foi um enfrentamento sob o legado de um regime autoritário, quando então os movimentos sociais ganharam as ruas para estabelecer a democracia brasileira.

Neste processo de abertura política os movimentos sociais amazonenses, sendo os professores também protagonistas destas transformações e da reconstrução democrática do país, lutaram pela melhoria de suas condições de vida e de trabalho.

Todas as questões norteadoras da pesquisa só puderam ser discutidas e problematizadas por meio das memórias de nossos entrevistados, que mesmo com tamanha complexidade, nos proporcionaram a compreensão do processo das mobilizações e das greves.

Foi possível perceber na pesquisa a riqueza trazida pelas experiências distintas de luta e de organização sindical, de visões de mundo e de expectativas quanto ao futuro que se podia produzir. Esses professores nos ajudaram a produzir uma história que dignifica os professores e os trabalhadores amazonenses.

Esperamos que este trabalho tenha feito uma boa análise dessa memória e essa luta dos trabalhadores da educação e que, de alguma forma, tenha contribuído com a historiografia regional, acendendo a discussão sobre os professores do ensino público, de forma mais geral, sobre o pertencimento e importância da história dos movimentos sociais amazonense como campo de estudo a ser encarado e valorizado.

FONTES

FONTES - ENTREVISTAS:

- **José Camilo Ramos de Souza**, 57 anos. Casado. Nasceu na comunidade Paraná do Moura, que fica quase próximo a entrada de outra comunidade chamada Caburi, localizada no Rio Amazonas. De acordo com o entrevistado ele nasceu no interior do município, e depois de

10 anos, se mudou para a cidade de Parintins. Trabalha como professor universitário, sendo doutor em Geografia. Entrevistado por Arthur Viana Aguiar em sua sala onde dá aula de Mestrado na Universidade do Estado do Amazonas no dia 20/12/2018. Gravado em áudio. Duração 1h:42m:30s (39 páginas).

- **Maria de Fátima Guedes Araújo**, 67 anos. Casada. Nasceu na comunidade Vila Amazônia, município de Parintins. Professora universitária aposentada. Entrevistado por Arthur Viana Aguiar no jornal Plantão Popular no dia 08/04/2019. Gravado em áudio. Duração 46m:34s (19 páginas).

- **Fernando Souza da Silva**, 55 anos, nasceu no município de Parintins. Trabalha como professor na rede estadual de ensino. Entrevistado por Arthur Viana Aguiar na Escola Estadual Senador João Bosco no dia 21/06/2019. Gravado em áudio. Duração 34m: 27s (15 páginas).

REFERÊNCIAS

BATISTA, James da Costa. **Da Lousa à Luta: Organização, mobilização e luta dos professores amazonenses na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas. 2018.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. Colaboração de Sérgio Fausto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FERREIRA JR, Amarílio. **Movimento de professores e organizações de esquerda na Ditadura Militar**. Seminário de discussão de pesquisas e constituição de rede de pesquisadores. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA JR, Amarílio; BITTAR, Marisa. **A ditadura militar e a proletarização dos professores**. Educ. Soc. [online]. 2006.

FLORESTAN, Fernandes. **Nova República?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, K. **O Capital: livro I**. Tradução de Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MEDEIROS, Mônica Xavier de. **PUXIRUM DE HISTÓRIAS: Lutas por terras e águas em Vila Amazônia – Parintins/AM (1980-2000)**. 2017.275 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MENEZES, Lucineli de Souza. **Ocupação, conflitos e conquistas: a luta pelo direito a terra para moradia e a formação do bairro de Itaúna I/Parintins-Amazonas.** 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder.** Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Proj. História. São Paulo, 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Edward P. **A formação da Classe Operária Inglesa.** 3. vol., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.